

IVAN MESSIAS

Música e Educação: ecos do imaginário⁹⁴

O múltiplo e a criação

Acredite! O *Hip hop* é um movimento artístico-musical, difuso e diverso, constituído de inúmeros campos identitários sob tensão contínua. Nele habitam representantes do movimento negro soteropolitano: MNU, Atitude Quilombola, Steve Biko, Nenun, blocos afro, grupos de capoeira, candomblecistas; além disso, há membros de igrejas cristãs — evangélicas e católicas; anarquistas, *ex-punks*, militantes socialistas, jovens sem agremiação, membros de associações de moradores e grupos culturais diversos: teatro, malabaristas. Existem diversas perspectivas políticas nas entranhas do *Hip hop* em Salvador. Muitos de seus integrantes foram do movimento *punk*, habitam o mesmo espaço, são amigos, frequentam os mesmos *shows* de música *rap*, organizam juntos os eventos.

Música e participação sociopolítica são inseparáveis na perspectiva de alguns grupos musicais. Grande parte almeja ser expoente profissional da música, fazer sucesso e, paralelo a isso, quem sabe, “mudar o que está errado”. Mas nem só de movimento negro vive o *Hip hop*. “A carne é fraca”, por isso a música do *Hip hop* imerge numa aura espiritual. Em certos segmentos, Jesus — mais que o famoso cantor Mano Brown — tem sido o grande ícone, atua como canal para a realização de sonhos, lenitivo às frustrações e simboliza esperança auferida em meio a trágicas relações referentes a desemprego,

⁹⁴ Artigo extraído e adaptado da dissertação de mestrado *Hip hop, educação e Poder: o rap como instrumento de educação não-formal*, defendida em 2008, por Ivan Messias, no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal da Bahia-UFBA, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Conceição.

afetividade, estima, criminalidade, morte de parentes. Sem contar que estilos musicais são vestimentas ou instrumentos para expandir a pregação da palavra sacra.

A matéria da criação

Não será grande esforço caracterizar o cotidiano sociocultural de alguns bairros antes de tratar da Música e Educação. Os grupos de *Hip hop* da cidade de Salvador advêm de bairros repletos de contradições e simbologias existenciais. Haja vista que a vida sexual e afetiva nestes bairros normalmente flui com certo grau de tolerância. Mulheres namoram e se casam com mulheres — habitam a mesma casa; moços iniciam sua vida sexual com outros rapazes. Isso é motivo de algazarra, risos e diversão nos bares; são práticas condenadas e toleradas igualmente. Mulher e homem de modo algum são espancados ou linchados em função de tais relações, ao contrário, essas variações da sexualidade são oportunidades para os pais de família e adolescentes exercerem poder do gozo físico. A conversa de bar é feita de futebol e mulher: qual o gol mais bonito, quem será campeão; as pernas, os seios, a bunda e volume da vagina ou “pacotão”. Quantas tiveram a felicidade de experimentar suas excelentes e fálicas performances sexuais. Em diferentes palavras, quantas foram “comidas”. Exaltam-se pela quantidade de cerveja ou cachaça que são capazes de tomar. Isso revela o gesto heroico de poder beber muito e mostrar que se tem algum dinheiro — comparativamente falando. Já não se criam mais galinhas: os vizinhos famintos e desempregados apropriar-se-iam delas. Roubá-las-iam também pessoas que buscam proezas, pilhérias e um “tira gosto” (petisco) a mais na hora da cerveja. No Subúrbio Ferroviário, por exemplo, caixa de som potente é tão comum quanto televisão e filhos; pessoas estacionam carros nas praças, ruas e bares ou em frente de suas casa;

abrem o porta-malas onde constam potentes alto-falantes tocando pagode, seresta, *reggae*, arrocha ou qualquer outro estilo em moda, mas dificilmente *rock*. Procedendo assim, não só relaxam da longa jornada de trabalho, das horas mal pagas, das horas não-pagas, dos conflitos raciais percebidos e secundarizados, das dissensões afetivas com família e vizinhos, das frustrações com as repartições públicas. É deste cotidiano que brotam os temas das manifestações musicais seja do pagode e arrocha, seja do *Hip hop*.

Música para educar

Importa ressaltar neste artigo, três grupos musicais; o primeiro, o grupo Conceito Negro, do bairro do Pernambués, tem uma militância intensa. Conjuga palavra e prática política em associações de bairro e ONGs. Desenvolve atualmente um projeto de basquetebol em parceria com o grupo do movimento negro, Atitude Quilombola. O segundo grupo, Opanijé, mescla berimbau, melodias do candomblé, risos do Deus Exu, versos de Edson Gomes, cantor de *reggae* baiano. Mesclam *raggamurfing* jamaicano. Opanijé não tem fórmulas, nenhum ritmo é conhecido, nem pode ser classificado como música *rap*, embora nascesse em meio ao mundo *rap*. O Opanijé é a extrapolação estética do *rap* tradicional vindo dos Estados Unidos. Seus membros costumam palestrar sobre temas educativos diversos. Por último, o grupo Sistema Nervoso Abalado, desde que surgiu, não tem orientação partidária; vê, na educação, uma forma de suplantarem algumas das dificuldades locais como a intensa participação de jovens no tráfico de drogas e, conseqüentemente, extermínio físico. Solidariedade, espírito humanista constituem o modelo de educação efetivado pelo grupo. Nesse sentido, um movimento político não se faz com críticas e conscientização explícitas apenas, mas também com plástica, estética, forma, melodia e aulas de música *rap*.

Nas aulas de música para crianças, os textos produzidos apresentam grande esforço para fazer da escola um encanto: “cadeira, carteira, bola, cola, educação e respeito só tem na escola”. Em vez de definições, o contato e a aproximação entre imagem da palavra e sinônimo se erguem na construção do rima. A palavra é retirada do cotidiano, do vivido: “cola”, “escola”, “droga”; expressam o agora. O mestre de cerimônia almeja a rima. Desconhece teoria da literatura, teoria poética. Ignora noções de rimas ricas, encadeamento, versos alexandrinos, decassílabos e toda sorte de artifício teórico, os quais talvez os ajudassem na confecção da poesia. Desconhece o Barroco, Arcadismo, Dadaísmo, Colagem, Poesia Concreta. Para redigir, o MC pensa no pulsar da vida, *The pulse of rhyme* (O pulsar da rima), como diria Ice-T (2005). Para redigir, o deslize veloz da intuição e da criação importa mais que as receitas racionalistas e irracionalistas da estilística. Anáforas, hipérbatos, rimas brancas, hipérbolos — tudo é acrescido à tessitura do verso sem que os conceitos sejam conscientemente utilizados. São recursos estilístico-gramaticais normativos que não contrariam o falar, porém são construídos mediante inconsciência das normas. Para os artistas, mestres de cerimônia, a pura rima tem valor, mais do que a combinação de elementos morfológicos diferenciados para formar a rima rica. Os versos construídos pelas crianças em sala de aula tratam do imediato: violência, tráfico de drogas; fatos que veem diariamente.

A tradição de luta através da arte, informação e educação dos movimentos populares, como se percebe, não é marcha exclusiva contra o capitalismo, mas contra um conjunto de forças que subjagam a existência: sexismo, racismo, forças etnocêntricas, as quais geram a técnica contemporânea. A abordagem não é unilateral. Há forças reativas que não se contrapõem apenas à burguesia, ao capitalismo, nem às forças produtivas.

Música *Gangster* para além da imaginação determinista

O fenômeno musical *gangster rap* tem sido superficialmente concebido como um fenômeno de mercado. Eis uma interpretação unilateralmente economicista que negligencia o devir do corpo simbólico. Eis um método insuficiente de apreender o cotidiano. Na verdade, o mercado é meio de dar ressonância e materializar um pensamento que não nasce com o mercado. O mercado consiste num viver aliado a outras forças identitárias. Mesmo no estilo musical *gangster rap* norte-americano há mais semântica do que as análises tradicionais podem prever. O corpo suado, a calça folgada, cueca à mostra. Não denotam o primitivo, mas a transgressão, a criminalidade, o forada-lei, a desobediência civil. O corpo seminu, com barriga de “tanquinho” (musculosa) tem outra leitura: denota saúde, sexo, energia, vigor, poder, beleza para ser consumido, apreciado. Tudo isso vende, porque se tornou bom, bonito e palatável na contemporaneidade; antes não o era. Existe uma rede de complexidade, a qual não se restringe à relação com o mercado, ao capitalismo. O músico *gangster* é um empresário diferente do tradicional, pois traz consigo a experiência da desgraça, do caos engendrado pelas fronteiras racialistas. Portanto, não encarna simplesmente a filosofia branco-capitalista e erotizada. O *gangster* traz consigo um novo *texto* atemporal, valores como dureza, cinismo, machismo, misoginia, homofobia, senso de superioridade, malandragem, esperteza, vitória após a guerra da delinquência. Por tratar de temas universais, é que fazem tanto sucesso. São temas que transpõem o atual estado moral, e econômico. O *gangstah* é música de quem já venceu a morte, de quem vive vazio, sem esperar seguridade das autoridades. O abandono social leva indivíduos a perderem o medo. O cantor *50 Cent* afirma: “Tudo que ouço no bairro é a negrada dizer: acho que morro hoje à noite”.⁹⁵

⁹⁵ “All through the hood I keep hearin niggaz sayin - I’m supposed to die tonight.” (50 cent); “I’m ready to die.” (Notorius Big); “You should have kill me last year.” (Ice-T).

Notorius Big diz: “estou preparado para morrer”. ICE-T canta: “você deveria ter me matado no ano passado”. Tudo isso são energias que atraem pessoas de quaisquer nacionalidades e cor da pele, independente do sistema econômico-moral e do tempo em que vivam. Pessoas perseguidas por ditadores, pela polícia, pelas dissensões sociais hão de se atrair por essas mensagens. A transgressão temática e estética encanta as peles, os limites e o mundo.

Imaginário da educação classista

Nos textos de Moacir Gadotti sobre educação dialógico-dialética, a palavra “classe” soa tal qual um mantra para ser internalizado como problema crucial. Gadotti limita-se à crítica universalista, genérica, abstrata, porquanto não identifica as microideologias que permeiam a sociedade brasileira, não diseca nem sonda os lugares onde residem os privilégios, por exemplo. Seguindo a metodologia marxista-freiriana, Gadotti (1998) restringe-se a demonizar a pedagogia colonizadora, pensada e acionada pela “classe dominante” — termos genéricos bastante usados em suas reflexões. As ideologias, entretanto, são sistemas móbil-artificiais, extravasam fronteiras supostamente físico-objetivas das classes. A educação popular, não-formal, debate-se não somente contra o sistema capitalista, mas contra toda sorte de conservadorismo político: sexismo, racismo, etnocentrismo, cultura técnica. Sua organização não responde à exploração dos ricos contra os pobres, dos burgueses contra os proletários somente.

Considerações finais

A arte musical tem sido instrumento de luta dos subalternizados. Quanto mais denunciam as diversas formas de exploração e sofrimento humanos, e ganham força, tanto mais sofrem ameaças. Mano

Brown, cantor dos Racionais MCs, afirmou que os músicos do *Hip hop* e do *reggae* “são alvo, não estrelas”. A estética da melodia é instrumento de batalha. A batida rítmica convida e convence a juventude de qualquer país para se congregarem frente às batalhas étnicas de qualquer natureza. Morreram muitos artistas em função de seu engajamento político. No *reggae*, Jacob Miller sofreu morte misteriosa. Lucky Dub, Peter Tosh assassinados; Rita e Bob Marley extraíram balas de metralhadora do corpo. No *rap*, Tupac, Notorius Big, Sabotagem foram assassinados. Muitos perecem para organizar e politizar multidões. São dessas escolas, fora dos centros convencionais de educação, que surgem novos ideários e vivências. A música é produzida em função das condições de vida bem como dos valores morais em que está imerso cada indivíduo ou grupo. A partir das interpretações de mundo e dos arquivos mentais se produzem discursos e narrativas — fundados em incertezas epistemológicas.

REFERÊNCIAS

- CONCEIÇÃO, F. da C. *Como fazer amor com um negro sem se cansar*. São Paulo: Terceira Imagem, 2005.
- FREITAS, J. M. O movimento negro contemporâneo em Salvador: algumas memórias. In: SIQUEIRA, M. de L. (Org.). *Imagens negras: ancestralidade, diversidade e educação*. Belo Horizonte: Maza, 2006.
- GADOTTI, M. *Educação e poder: a pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez, 1998.
- GOHN, M. da G. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- HAYMES, S. N. Race, pedagogy in Paulo Freyre. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL: A REPARAÇÃO E A DESCOLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO, 2007, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2007. Atitude Quilombola.

- HOOKS, B. Misogyny, gangsta rap, and the piano. *Race & Ethnicity*, feb. 1994. Disponível em: <<http://race.eserver.org/misogyny.htm>>. Acesso em: 30 dez. 2007, 23h e 40 min
- ICE-T. *7th deadly sin: God forgive me*. New York: Roadrunner records. 2005. 1 CD (ca. 04h 06 min) Faixa 20.
- LIMA, A. C. C. *Saltando e quebrando... o rap pensa identidades no trânsito entre Bahia e o Maranhão*. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- MESSIAS, I. dos S. Hip hop e a re-configuração do território. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL: A REPARAÇÃO E A DESCOLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO, 2007, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2007. Atitude Quilombola.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2000.
- RICHARDSON, J. W. Rap music and its violent progeny: America's culture of violence in context. *Journal of Negro Education*, Summer, 2002. Disponível em: <<http://findarticles.com/p/articles/>>. Acesso em: dez. 2007, 21h 10 min.
- SILVA, J. C. G. Arte e educação: experiência do movimento Hip Hop paulistano. In: ANDRADE, E. (Org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.
- SISTEMA NERVOSO ABALADO. *Jardim da periferia*, 2005.1 CD.
- SODRÉ, M. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.